

TOPONÍMIA ARQUEOLÓGICA DE ENTRE DOURO E VOUGA (DISTRITO DE AVEIRO)

Arlindo de Sousa

Rio

Numa comunicação, que apresentamos ao XVIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, realizado, em Córdova (Espanha), em Outubro de 1944, a respeito da criação de institutos de cultura regional, museus e bibliotecas, nos vários municípios de Portugal (1), lembramos, no capítulo de arqueologia, a necessidade de se proceder a explorações arqueológicas nos locais cujos nomes fôsem reveladores de antiguidades.

A filologia, pelo onomástico toponímico e pelos linguajares do povo, é uma importante fonte auxiliar da arqueologia, e, conseqüentemente, da etnologia e história geral.

Já publicamos alguns estudos concernentes ao assunto, de carácter regional, extensivos às fronteiras potâmicas do Douro e Vouga e de carácter geral, extensivos a todo o país (2).

Alguns resultados de novas investigações são aqui expressos. Tratamos de Anta, Arca, Arca Pedrinha, Campo da Arca, Corga de Arca, Mó de Arca, Pé de Arca (bis), Pedra de Arca, Arceiros, Arões, Aral, Arilhe, Castelejo (bis), Castelo (ter), Castelo de Paiva, Castelões, Castilhão, Castro de Chão de Carvalho, (e Lameiro do Castro, Monte do Castro, Souto do Castro, Tapada do Castro), Castros, Cepas, Cepeira, Cepelos, Cepo, Cepo de Baixo, Cepo de Cima, Cesteiros, Cesteu, Cestinha, Civitas, Crasto, Crasto de Auille, Cristeja, Cristeja de Fora, Cristelo, Çuvidade (por Cividade), Dentases, Duas Igrejas, Estrada Mourisca, Estrada Velha, Fornos, Mama do Gato, Mama do Peralta, Mámoa, Mámoa Negra, Mamoinha, Marmorinha, Momães, Mota, Moura (e Almas da Moura, Monte da Moura, Pé de Moura, Pedra da Moura e Vale da Moura),

Moure, Mourisca, Mouro (em Mato do Mouro e Paço ou Passo do Mouro)), Mouros (em Fonte dos Mouros e Forno dos Mouros), Murado, Paço, Paçô, Paços, Penedo da Fazenda, Penedo do Trigo, Poço do Luto ou Poço Negro, Rio Mau, Tôrre, Vila, Vilar, Vilares, etc..

Todos os topônimos pertencem à circunscrição distrital de Aveiro.

* * *

ANTA, freguesia do concelho de Espinho.

Não temos conhecimento do local em que existiu a **anta** que deu o nome à freguesia: monumento sepulcral, pré-histórico, ou proto-histórico.

Tem-se dito, mas sem firmeza arqueológica, que tal **anta** esteve de pé no Carvalho, próxima aos Altos Céus, o lugar mais alto da freguesia, a uns 2500 metros da costa, onde se venera Nossa Senhora dos Altos Céus, ou na **Idanha**, por onde corre o ribeiro do Bajunco, afluente do Mocho, e onde existiu, ou ainda existe, outra capela, consagrada a São Vicente.

São conjecturas frágeis.

Faltam os elementos que poderiam falar melhor, os despojos ânticos: cerâmica, cinzas, lousas antropomórficas, idólatricas, mámoas, etc..

Tal construção deixou, porém, forte impressão tradicional, pois, de outra maneira, o nome ter-se-ia apagado (3).

Leite de Vasconcelos cita, entre o Douro e o Mondego, apenas mais oito topônimos iguais, e oito **Antas**, uma **Antela**, uma **Antelas** e uma **Antinha**; entre o Douro e o Minho: vinte **Anta** e treze **Antas**; entre o Mondego e o Tejo: duas **Anta**, onze **Antas**, um **Antões**; do Tejo para o Sul, até ao Oceano: onze **Anta**, doze **Antas**, uma **Antinha**, um **Antões** e uma **Paradantas**.

Há mais, pois Leite de Vasconcelos só se referiu a povoações e não a quintas, tapadas, etc..

Há outros vestígios de remota habitabilidade da freguesia, topônimos reveladores de antiguidades arqueológicas, como **Briguido** (?), **Idanha, Paço, Paço Velho, Paços, Portucalo** e alguns germanismos (4).

Num documento medieval, encontramos referências a um mosteiro de **Anta**: "... et quando uenit ipse froila ad obitum suum mandauit coniugiam suam adosinda et filiis suis ut dedissent duas partes de ipsa hereditate ad cimiterium sancti martini episcopi... qui fundata est in uilla anta..." (5).

É o mais antigo documento literário, que conhecemos, referente a **Anta**. Data de 1037 (6).

Nunca conseguimos saber coisa alguma, a respeito do local do antigo mosteiro ou ascetério.

Em 1946, fizemos escavações num quintal do Sr. Antônio Soeiro, em Ponte de **Anta**.

Apareceram várias sepulturas, feitas de telhões grossos de barro vermelho, grosseiro, espécie de caixas retangulares, com fundo e tampa.

Uma delas media 1,80 m. de comprimento e 0,50 m. de largura.

Muito a custo, conseguimos obter uma dessas placas inteiras, porquanto desfaziam-se com facilidade.

Pensamos que estas sepulturas são romano-godas.

Valia a pena fazer melhores explorações.

As civilizações sucedem-se umas às outras de uma maneira surpreendente. O que é preciso é que existam condições boas de vida: águas potáveis, terras férteis, excelentes pastos, florestas espessas, etc., de que, ainda hoje, **Anta** é pródiga.

Anta não foi, pois, um deserto, nas idades da pedra, pelos fatos que acabamos de descrever. Foi povoada.

Podemos ir, pelo menos, à época neolítica, aos períodos do neo-neolítico e eneolítico e à época do bronze, dos metais de grandes civilizações da Humanidade.

Os Antenses hão-de gostar tanto de saber estas coisas, como nós gostamos de lhas contar.

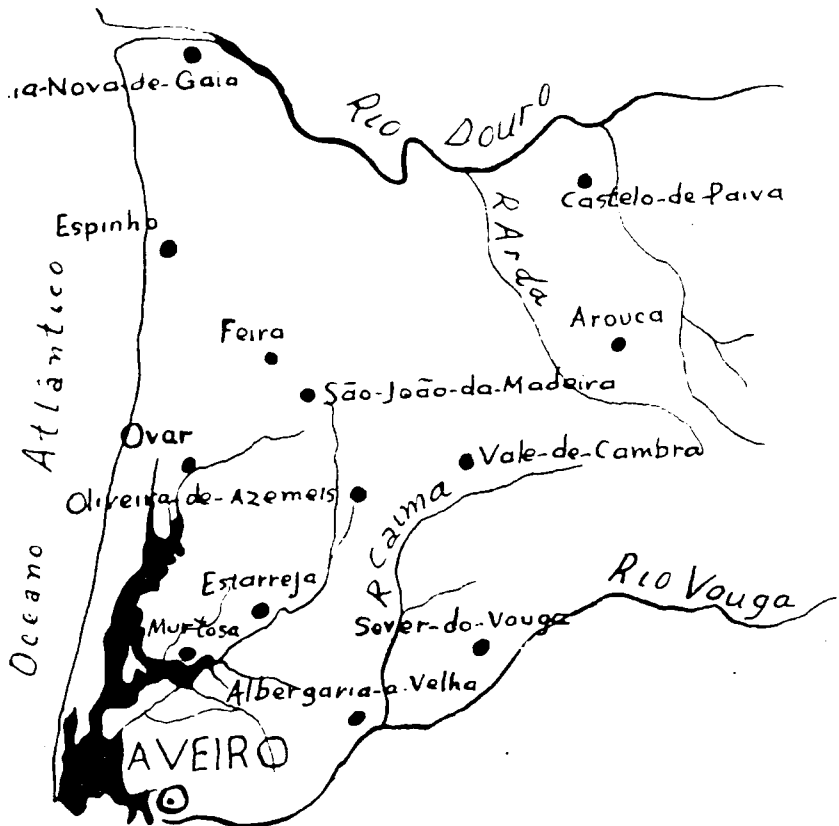
ARCA (7), local na povoação de Fafião, freguesia de Romariz, concelho da Feira.

ARCA PEDRINHA, povoação da freguesia de Travanca, mesmo concelho.

ARCA (Campo da), povoação da freguesia de Arões, concelho de Vale de Cambra.

ARCA (Corga de), local na povoação de Bocas, freguesia de Argoncilhe, concelho da Feira.

ARCA (Mó de), local na povoação de Ferradal, freguesia de Fiães, mesmo concelho.



ARCA (Pé de), povoação da freguesia de Pigeiros, mesmo concelho; e local na mesma povoação.

ARCEIROS (8), local na povoação de Fonte Sêca, freguesia de São João ãe Ver, mesmo concelho.

ARÕES, freguesia do concelho de Vale de Cambra (9).

CASTELEJO (10), local na povoação de Rebordelo (11), freguesia de Canedo, concelho da Feira.

CASTELEJO, local na povoação de Serralva, freguesia do Vale, mesmo concelho.

CASTELO (12), local na povoação de Penedo, freguesia de Fornos, mesmo concelho.

CASTELO, na freguesia de Roge, concelho de Vale ãe Cambra.

Antônio Martins Ferreira fornece-nos esta preciosa informação:

“Próximo ao local, onde existiu a igreja, está a construir-se a grande barragem de **Castelo** (13), e, pelos achados arqueológicos, encontrados nas escavações, tais como: cântaros de barro, telha, tijolos, contas de rosários, etc., depreende-se que no outeiro, entre o dique e a barragem, existiu uma povoação romana” (14).

CASTELO, local na freguesia de Paramos, concelho ãe Espinho:

“Entre o **Crasto** e o **Castelo** existem blocos enormes de granito bravo ou dente-de-cavalo. Aí, ãiz a lenda, está escondida uma grade de ouro, desde o tempo dos Moiros. Também, outra lenda dizia que no sítio da Bouça se encontravam ricos tesouros enterrados. E, no local, indicado, fizeram-se, há poucos anos, dispendiosas escavações na mira de descobrir os ditos” (15).

CASTELO de Paiva, concelho.

A região é, arqueològicamente, rica.

O Pe. José Monteiro de Aguiar deu, há pouco tempo,

notícia de vários achados na povoação de Folgoso, freguesia da Raiva: louças romanas, duas sepulturas, um anel de metal, uma moeda e uma pucarinha com o dizer:

CAFVRINVS IX NATV VV.

e uma lápide de lousa, com 0,56 m. de altura, 0,14 m. de largura e 0,045 m. de espessura máxima na extremidade inferior:

DMS
AVITIANV
S FATVM
FVNESET
VVIII K NOVEM
BIS ANNORV
XXV VTERE FE
LIX

que leu assim: "Aos deuses Manes. Aviciano morreu, infelizmente, a 13 das calendas de novembro (20 de outubro), aos 25 anos de idade. Goza da felicidade" (16).

CASTELÕES, freguesia do concelho de Vale de Cambra, rica de vestígios arqueológicos.

CASTILHÃO, local da freguesia de Romariz, concelho da Feira, muito abundante de ruínas arqueológicas.

CASTRO de Chão de Carvalho, na freguesia de Arões, concelho de Vale de Cambra.

Parece que o castro não foi romanizado, como não foram outros da região: **Cristelo**, Serém; **Castelo** de São Jião, em Recardães (17). Vestígios de cultura romana vêem-se, porém, no monte de Santa Maria de Fiães, concelho da Feira, Portela, em Romariz, mesmo concelho, Ossela (ou Ocela), concelho de Oliveira de Azeméis, **Cristelo** em Branca, concelho de Albergaria, Cacia, concelho de Aveiro e Cabeço do Vouga, concelho de Águeda (18).

CASTRO (Lameiro do), local na povoação de São Vicen-

te, freguesia de Louredo, concelho da Feira.

CASTRO (ou Monte do —). Dedicamos êste pequeno estudo ao Castro (19) de Santa Maria de Ul, no município de Oliveira de Azeméis, distrito de Aveiro, provável assento de Talábriga, cidade pré-romana da região.

Fizemos a primeira visita ao **mons**, em março de 1946, atraídos pelas escavações que o Pe. Agostinho Gomes aí estava a realizar, e pelos despojos arqueológicos, descobertos. Estávamos, nessa ocasião, em São João da Madeira, a convite do Sr. Antônio Henriques, ex-presidente do município, e grande industrial daí, a fim de organizarmos um museu e uma biblioteca, que não chegamos a organizar, por razões que não temos necessidade de referir.

Como estávamos, também, empenhados, nesse tempo, na criação de um instituto de cultura regional, na mesopotâmia de Entre Douro e Vouga, e, como Ul pertence à região, foi com profundo regozijo que recebemos a notícia do empreendimento do abade ulense Agostinho Gomes.

Terras do Ul! Bela paisagem! Viçosos campos e ridentes prados! O Ul, moldura carinhosa! Foram as nossas primeiras impressões, quando saltamos do combóio da linha do Vale do Vouga.

Descemos a estrada, a caminho da igreja, em frente da qual fica o ópido que queríamos visitar.

Disseminam-se, por aqui e por ali, muitas alminhas, perto umas das outras, profunda manifestação de religiosidade do povo ulense.

Disse-nos, mais tarde, o Ti Joaquim de Almeida que, em Ul, não há ninguém que seja capaz de contar as alminhas e as rodas dos moinhos. Reza-se e trabalha-se muito. Em Travanca, freguesia próxima, há, também, muitas. Só em Damonde, pequena povoação, há cerca de trinta.

Chegamos à casa do abade Agostinho Gomes eram 8,30. Recebeu-nos, prontamente. Daí a cinco minutos, parecia que

nos conhecíamos há muitos anos.

Fomos logo direitos aos achados arqueológicos.

Inventariamos:

Objetos de pedra: mós manuais inteiras e fragmentos de outras; um afiador; parte de uma coluna; uma pia; uma pedra com inscrição, já conhecida, metida numa parede da igreja; uma ara de calcário. Foram achados mais objetos, em outros tempos, que ou desapareceram ou encontram-se nas mãos de indivíduos, fora da freguesia.

Objetos de cerâmica: tegulae; imbrices; lateres; fragmentos de louça de barro vermelho ou branco, grosseira, de várias espécies; cerâmica fumigada; cerâmica micácea; alguns fragmentos de cerâmica fina de 1,5 mm. a 2 mm. de espessura; fragmentos de uma lucerna (?) de barro vermelho fino; asas de ânforas e bilhas; alguns fragmentos possuem ornatos horizontais e oblíquos com linhas concêntricas e paralelas; vários imbrices com ornatos serpenteados, tríplexes; um tijolo, que foi o primeiro objeto que vimos, tem um grafito, talvez a marca do **faber** ou o nome da **officina**, onde apenas pudemos ler, porque não tínhamos lente de aumento, ... **men**; no fundo externo de uma vasilha, dentro de um círculo, cuja linha de circunferência deve ter uns 2 mm., estão escritos um ponto e dois caracteres que não parecem latinos e no fundo interno um sinal oblíquo e dois verticais. O ti Joaquim de Almeida lembra-se, ainda, de uma construção de tijolos que, segundo a sua explicação, foi sepultura, tanque ou silo.

Objetos de metal: apenas escórias ou rijões que parecem de ferro.

Madeira: carvão.

Ossos: vários ossos que se desfizeram ao pegar nêles, entre os quais um de 0,4 m. de comprimento, **plus minus**, talvez de perna.

Dos objetos de pedra o mais importante é uma ara de

calcário, de 0,60 m. x 0,30 m., pouco mais ou menos, que julgamos votiva a uma divindade, cujas letras teriam sidos raspadas e onde foi assente uma cruz de gesso, (?) com Jesus Cristo nela pregado, com uma perna e os braços já mutilados.

É um monumento precioso; uma importante descoberta arqueológico-etnográfica.

Lembramo-nos da Bretanha, onde conhecemos o menhir de Saint Duzec, pedra levantada, com uma cruz no cimo e uma face decorada com um crucifixo e os mistérios da Paixão e o menhir de Lan-ar-Justiz, o menhir da Virgem, que foi cercado de estátuas cristãs, como se vê por uns ferros de suporte que ainda sustentam uma, a da Virgem Nossa Senhora (20).

Uma mulher, de oitenta anos, aproximadamente, tinha estas alminhas no quintal — é assim que o povo chamava ao monumento e até o Pe. Agostinho Gomes — e conta que o avô lhe dizia que essa pedra fôra das “almas” ou “alminhas” dos “Mouros”. É claro que não se trata de “alminhas”, pois estas não costumam ser de pedra maciça e têm, vulgarmente, as almas, representadas: São Miguel com a balança da Justiça, um cofrezinho para esmolas, etc.. A designação “**Mouros**”, e outras associações, por vezes, têm muita importância arqueológica e etnográfica.

Logo abaixo da igreja, fora das muralhas do ópido, perto do local, onde apareceu um forno, construído num combro, no próprio salão, que é o nome que se dá, na região, ao saibro (21) grosso, resultante dos terrenos graníticos, existe uma fonte que chamam Fonte dos **Mouros** ou Fonte das Navalhas. O povo diz que os **Mouros** deixaram ali escondidos, perto, grandes tesouros, a umas determinadas varas de distância. O etnônimo **Mouros**, como noutra lugar dissemos (22), tôdas as vezes que se refira à toponímia diz respeito tanto aos povos históricos como aos povos proto-históricos. A designação Navalhas deve provir de nava “planície”,

“vale”, pré-romanismo que vemos em **Flavionavia**, cidade (23); **Nabia** ou **Navia**, mitônimo (24); **Nabius**, hidrônimo galego (25); e **Navarra**, região. A terminação **-alha**, de **Navalha**, é o sufixo latino **-alia**, diminutivo, donde a significação “pequena planície”, “pequeno vale”. Este elemento **Navalhas** está bem relacionado, pela antiguidade, com **Mouros**. Podemos tomar a primeira expressão por filológica, e a segunda por etnológica. Perto das **Navalhas**, estendem-se os campos mimosos de **Pôrto de Vacas**, voz bem lavradeira e pastoril.

Em frente do **Monte do Castro**, para o poente, há o **Monte da Moura** ou as **Almas da Moura**, onde existe uma capela em ruínas de construção em abóbada. Chamam-lhe **Capela dos Mouros**, pelo fato de, quando se bate, dentro dela, fortemente, com os pés, toar, como se fôsse tudo ôco, por baixo. O monte mete medo, disse-nos o Ti Joaquim Manteigueiro, bom velhote, de setenta e cinco anos. A distância de um quilômetro de **Contumil**, freguesia de **São João do Loureiro**, também, pode observar-se o mesmo fenômeno, batendo, rijamente, com os pés no chão.

No **Monte da Moura**, ou **Almas da Moura**, aparece, ao nascer do sol, no dia de **São João**, diz o povo, uma moura a soalhar roupas.

Ainda hoje, sobe o monte muito gente que ali vai cumprir promessas, apesar de a capela não ter imagem alguma.

No **Sapato Picado**, no sopé poente do **Monte do Castro**, existe, segundo a tradição, uma grade de ouro; na **Pedra Má**, entre **Ínsua** e **Pindelô**, há uma lenda idêntica, mas com mais pormenores.

Em **Damonde**, povoação da freguesia de **Travanca**, onde, também, existe um monte, denominado do **Castro**, com lendas valiosas e indícios de um mámoa que a toponímia firma, há um edifício que se chama **Casa dos Mouros**, junto ao qual existe um caminho muito fundo, procedente de uma mina que se atribui aos **Mouros** e que alacou.

A caminho do ópido: A nossa descrição é de dor. Dois milênios de ruínas, dois milênios de destruições, sem piedade, fruto de guerras cruéis, de velhacaria, de ignorância, de egoísmo. Mancha indelével. A alma de quem ama o passado tem de andar sempre a chorar. Que tiraram dêste ópido! A pedra cortada e lavrada das primitivas edificações foi quase tôda levada para outras construções recentes, das proximidades. E veja-se o que tem sido. Só nestes quinze dias foram tirados daí mais de cem carros de pedra, tôda de antigas moradias e com ela objetos domésticos, como uma tigelinha inteira, pintada, com lindos adornos e um osso que estava em cima de uma lareira (?), com cinza, com 0,40 m. de comprimento, que o môço (= criado) Joaquim Tavares da Silva destruiu.

Censuramos o ato e procuramos conhecer outras imprudentes destruições. É, agora, o Ti Joaquim de Almeida, de 71 anos, e que vive, há 47, no Castro, que nos informa: “Se visse antigamente! Isto são só os alicerces; as casas desapareceram tôdas; era um deitar abaixo; ainda me lembro; apareciam casas por todos os locais como estas que o Sr. Abade pôs a descoberto e de que levamos para cima de cem carros de pedra; como esta pedra está feita, é boa e não é preciso cortá-la, tôda a gente, que precisa, vem cá buscá-la; as paredes, que por aí se vêem, são quase tôdas de pedra do nosso Castro; até a igreja nova, que está no local da antiga, tem lá muita pedra daqui, e uma muito grande, muito cheia de letras, foi para os alicerces”.

Ter-se-iam perdido muitas inscrições na utilização da pedra nas edificações modernas. Atualmente, pode ver-se, metida numa parede da igreja, a seguinte:

RE. AVGVSTO. TRIBVNI
XXVII COS. XIII. PATER
RMINVS. AVGVSTALIS

Junto à residência paroquial, estêve, muito tempo, um miliário:

TIB. CAESAR. DIVI. AVG.
FILIVS AVGVSTVS. PONTIFEX. MAXVM
TRIB. POTESTAT. XXV

XII

que o Pe. Antônio da Silva Carrelhas levou para a vila de Oliveira de Azeméis, onde se encontra nos Paços do Concelho, juntamente com um túmulo de quatro pedras, com uma inscrição, uma pirâmide (?) e várias louças, tudo encontrado no ópido.

No ópido: Fica num cabeço muito amplo, onde se juntam os rios **Antuã** ou **Ínsua** e o **Ul**, que, depois, correm ambos num só álveo com o nome de **Antuã** (26). Há, apenas, uma parte de mais fácil acesso, onde houve um fôss, que, possivelmente, ligava os dois rios, fazendo do ópido uma ilha como medida de estratégia, de defesa, donde derivaria o nome **Ínsua** que tem o rio que corre do nascente e envolve com o **Ul** o ópido; e, já agora, lembremos que quase uma ilha forma o própria **Ínsua**, com os seus dois ramos, nascidos ambos, em Escariz, concelho de Arouca, perto um do outro, e que vão juntar-se no ópido, de que estamos a tratar. Da trindade fluvial **Ul**, **Ínsua** e **Antuã**, só o primeiro é de origem pré-romana (27); o segundo (28) e o terceiro são de origem latina, embora o último deva o seu nome a um monumento sepulcral pré-romano (29) ou a mais de um, pois há perto da Ponte de Silves, em Macinhata de Seixa, umas terras lavradas com o nome de **As Antuãs**.

Sobe-se para o recinto do ópido por duas rampas: uma, a nascente, que dá para o **Santo**, nome que tanto pode revelar um culto cristão como um culto pagão (30), e outra, a poente, a da **Corredoura**, terreno vasto, talvez uma antiga praça (31), onde o pároco Agostinho Gomes começou a descobrir um lajeado que não sabemos o que significa.

O ópido tem uma situação magnífica. É muito amplo e bastante abrigado do Norte, próprio, portanto, para ser ha-

bitado. É defendido, em tôda a volta, por três lanços de muralhas, muito bem conservadas em alguns pontos. Em frente, o **Castro de Damonde**, já na freguesia de Travanca, junto ao **Antuã**, com cerâmica com as mesmas características que as dêste ópiçõ. De um lugar para o outro interpõe-se um vale fundo, gigantesco, por onde corre o **Antuã**, cheio de moinhos; mais longe, **Cristelo** ou **Castro da Branca**, onde colocamos, talvez sem razão, a **Talabriga**, de Apiano Alexandrino (32); depois, o **Castro de Vilarinho de São Roque**, de Ribeira das Fráguas. Dizem aqui, em **Ul**, que foi habitado pelos **Mouros** e que os **Cristãos** tinham feito várias tentativas, para se apoderarem dêle e, que, tendo sido tôdas infrutíferas, usaram do seguinte estratagema: Juntaram muito gado, bois, vacas, cabras, carneiros, etc., ataram-lhes feixes de palha e de lenha sêca aos chifres; acenderam-nos, de noite, e, avançando por um monte abaixo com tôdos êstes animais, puseram em fuga os **Mouros**, aterrados; noutra linha, o **Castro de Ossela** (ou **Ocela?**), na freguesia do mesmo nome, onde appareceu um pequeno bronze romano, que se tem attribuído ao imperador Constantino, e, perto, no lugar das **Barralhas**, foram achados dezesseis braceletes de ouro, romanos ou pré-romanos, em 1896 (33); depois, o **Castro de Lações**, o de **Madaíl** e o de **Recarei**, respectivamente, na vila de Oliveira de Azeméis, local de Vila Cova, e São Martinho da Gandra (34); e, avançando para o Norte, **Mama do Gato** e **Mama do Peralta** (35), no Couto de Cucujães; o lugar significativo da **Mourisca**, em São João da Madeira; a ara consagrada a Júpiter, em Arrifana; a **Mámoa de Milheirós de Poiares**; e as abundantes ruínas lusitano-romanas de **Romariz** e de **Duas Igrejas**.

Junto ao **Santo**, havia uma pedra com uma inscrição. O **Ti Joaquim Manteigueiro** lembra-se muito bem dessa pedra. Diz êle que tinha 1 m. de comprimento por 0,7 m. de largura, plus minus e — fato difícil de crer-se — que se lia muito bem ao luar e que, de dia, ninguém a podia ler.

Foi junto a êste local que o atual pároco descobriu os alicerces e parte das paredes de quatro aposentos quadrangu-

lares. Não chegamos a tempo de vê-las, infelizmente, porque, como dissemos, foram derrubadas por causa do aproveitamento da pedra. Segundo a descrição, que fez o abade Agostinho Gomes, algumas das paredes, postas a descoberto, chegavam a atingir 2 m., de um lado, e 0,50 m., do lado oposto, e 0,40 m. ou 0,50 m., de espessura. Numa extremidade das paredes de maior altura, havia uma abertura estreita que parece ter servido de porta. As paredes laterais acompanhavam o declive.

Por todo o ópido, vimos muitos fragmentos de cerâmica.

Entidades competentes hão-de esforçar-se, estamos certos disso, por conservar estas preciosas ruínas e explorá-las, dentro do mais breve tempo, com o zêlo e a perícia que tais trabalhos requerem.

Vamos, oportunamente, ver as possibilidades de localizar **Talabriga**, neste importante mons, tão rico de elementos concretos, palpáveis, como de elementos espirituais que é muito, também, para os estudos arqueológicos (36).

A fim de colhermos alguns elementos etnográficos e seguirmos, de perto, as pequenas escavações, que o Pe. Agostinho Gomes estava a realizar, voltamos a **Ul**, nos dias 23 de Abril e 16 de Maio.

Lá estavam as alminhas, a impressionar, como no primeiro dia em que as vimos; moinhos alveiros; moinhos de mós forradas com fôrras de cortiça, para o descasque de arroz (37); moleiras enfarinhadas: chapelinhas brancas, lenços brancos, blusas brancas, da farinha; padeiritas madrugadoras, espevitadas, conversadeiras, meiga companhia e alegria das estradas e combóios do Vale do Vouga; burrinhas moageiras, por aqui e por ali, carregadas de sacos. Hinos belos de trabalho. Orações ao pão.

Ul mói muita farinha e fabrica muito pão para Oliveira, Arouca, Vale de Cambra, São João da Madeira, Feira, Ovar e Estarreja.

Saem de Ul, diàriamente, centenas e centenas de cabanejos (38), acumulados de carreiras (39), padas (40), canocos (41) e vinte-e-quatros (42).

Não há freguesia, nas redondezas, que melhor pão leve ao Santo Amaro de Estarreja, à Alumieira da Páscoa (43) e aos Perdões ou Poldrões dos Cavalos (44).

Experimente-se êsse esmêro na própria terra dos ulenses, nas romarias da Senhora das Candeias e de São Brás.

E, para ver montanhas de pão, suba-se a Vale de Cambra (45), no dia da feira dos 23 do mês do Natal.

Carros e carros sobem ao Vale. Lençóis lavados. Toalhados improvisados. Gigantescos sacos. Sebes altas. O pão a ultrapassar as caniças: carreiras, padas, canocos e os saborosíssimos vinte-e-quatros, cambiformes, que levam vinte e quatro horas a levedar e que, difficilmente, abolecem.

Três dias e três noites de cozidas.

Ul, principado do pão, de sete municípios, pelo menos.

De novo no Castro: Um nôvo estudo da toponímia local revelou-nos o precioso topônimo **As Ínsuas**, campos à margem do Ínsua, que estão, atualmente, fora do rio, mas que estariam, outrora, dentro de um fôssio, cremo-lo, a bordar a parte vulnerável do ópido. Mostramos ao Pe. Agostinho Gomes o caminho dêsse suposto fôssio.

Os rios douro-vouguenses andam cheios de lendas.

O Ínsua começa logo a ser lendário na **Pedra Má**, entre Carregosa e Pindelo (46).

Há nas regiões, em que floresceram civilizações antigas, um ambiente característico para quem o sabe sentir, impressionante fundo religioso, certa côr que não flui e não vibra nos locais que não têm relações tão expressivas com o passado.

Não devemos nunca prescindir destas informações espirituais, tão valiosas como os despojos materiais e palpáveis.

Novos achados: Nos dois dias de escavações, a que fomos convidados a assistir, apareceram: várias escórias de metal, espécie de rijões das forjas; uma vara de bronze com três círculos salientes, cilíndrica, de 0,01 m. de diâmetro, 0,37 m. de comprimento e 350 gramas de pêsso; um fragmento, gargalo e parte do corpo de uma vasilha de vidro, romana; pedaços de cerâmica, fina e grosseira; *opus signinum*; pedras de revestimento das paredes ou soalho ou de utilização doméstica; uma asa de sítula (mascarão ou carranca de bronze).

Passando por vários caminhos do Castro, ou das proximidades, encontramos parte de uma coluna de calcário, cilíndrica (47).

Numa escada da casa da Sra. Dona Maria de Jesus, que dá para o quintal, o primeiro degrau tem uma inscrição muito apagada, infelizmente. Parece ler-se: A BEINA ANNO. Outra pedra, anepígrafa, que está ao pé da escada, pareceu-nos, à primeira vista, uma ara turícrema.

As pessoas mais velhas da região lembram-se de aparecerem, por ali, sepulturas, ossos, cambas de granito, (talvez rebordos de colunas circulares), lavrado, pirâmides, lareiras com mais de dois alqueires de cinza. No termo de uma mina, construída fora das muralhas, apareceram, dizem, fragmentos de cerâmica, carvão e cinza.

Fala-se, também, de uma pedra com a configuração da Pedra Formosa da Citânia de Briteiros. Estêve no monte que pertence, atualmente, ao Ti Joaquim das Portelas. Chamavam-lhe o barreleiro, por ter essa forma. Possuía um sulco com adornos. Foi levada, depois de partida, por ser muito grande, para Avanca, concelho de Estarreja, a uns oito quilômetros de distância para mesa duma prensa de vinho. Disseram-nos que essa pedra tinha duas letras EO.

De pedras com sulcos e cale, naturais ou artificiais, fala F. Cuevillas, citando o Altar dos Corgos “que se erguia na rexión da Ulla (48)”, Penas dos Xigantes, em Culleredo, perto

da Corunha, Pedra das Andurinas, em San Estebo de Barcia, Lalin, Logrosa, Nogueira, Vale de Vez, Miño, citania das Laxes das Chás, Oimbra (49).

Estas pias eram providas, às vèzes, de inscrições: SILI EORINI LACUUS HOS, como pode ver-se no Museu da Sociedade Arqueológica de Pontevedra (50).

O Castro de UI vem referido em documentos do reinado de D. Denis, ano de 1284 (51).

Fala-se nêles em “termho de terra de Sancta Maria”; “Sancta Maria de UI”; “termhos do Crasto de UI”; “Juiz da Ffeyra”; “dicto Crasto”; “termho do Crasto”; “Ryo de Bitoàà”; “morouça”; “herdade da Eigreja”; “carreyra que uem da Eigreja e da vila pera esse Crasto sempre pela spiga ata o Ryo de UI”; “termho do dicto Crasto” (rursus) (52); e “Martino Dominici de UI”; “in castro dul” (53).

N. M. de Sousa Moura deu, em 1843, um emocionante relato do local do ópido e de algumas de suas ruínas, cuja transcrição vamos fazer, integralmente, em virtude da raridade da obra:

“Quem ao ver a igreja de Sta. Maria d’UI [concelho do Pinheiro da Bemposta] campear elegante e formosa na ladeira suave dum monte, como princesa adereçada, entre as casas que lá se avistam derramadas por campos e envergonhadas entre pinheiros, dirá que nas paredes dêsse templo, tão alvas, tão virgens ainda das prostituições dos séculos, está afixada uma página veneranda do grande livro do passado? E contudo ela lá se vê, como um padrão aos brios e ao valor portugûês; como uma voz de ferro gemedora e lúgubre, saída do santuário, a proclamar o passamento dos povos vencidos, cujo senhorio foi transferido por ascendente de heroísmo àqueles corajosos guerreiros, que, traçando a sua política com a ponta da lança, e comprando tudo a troco de golpes de espada, atravessaram como raios despedidos das mãos de Deus, a arvorar a signa da cruz sôbre as ameias do profeta; donde — vai por oito séculos — só a pôde derrubar a morte

dum rei soldado, para de novo flutuar mais galharda e triunfadora! — Encetemos, porém, nosso caminho, para que o coração nos não arraste insofrido aonde não quiséramos nunca ter ido...”.

“Está, pois, na matriz d’Ul, uma pedra, em que se lê: ...RE. AVGVSTO: TRIBVNI XXVII. COS. XIII. PATER. RAAINVS. AVGVSTALIS”.

“Esta pedra, encontrada, há quarenta anos, no alicerce da igreja antiga, foi mandada colocar, onde existe, pelo abade — o reverendo Manuel Pereira de Campos. Se atendermos ao lugar do achado e a que de lá também saiu uma coluna que serve de esteio na ramada do pátio da residência em cuja coluna se distinguem não poucas letras e alguns traços d’outras quase apagadas; se refletirmos no que afirmam de terem achado no referido sítio uma outra pedra com letreiro a qual aí deixaram por conveniente à nova fábrica, em razão da sua excessiva grandeza; concluiremos, talvez, sem erro, que os fundadores da demolida matriz acomodaram a seu intento as ruínas de alguns edifícios romanos, que seriam de não pouca magnificência, a julgarmos dela em vista das provas”.

“Inão por diante com as nossas indagações, vimos um pedaço de coluna lisa, que terá obra de quatro palmos em comprimento e um e meio de diâmetro, aparecido em certa escavação. Quem afiança o mais que se encontraria, caso a escavação progredisse, principalmente, tendo sido começada na raiz dum monte, onde a terra, trazida de cima pelos enxurros e por outras causas, fâcilmente encobriria algumas ruínas que ali existiam”?

“A sudoeste da matriz, e em distância de tiro de funda, vê-se o lugar do Castro, que desce dum outeiro próximo ao rio, como um burgo mal povoado. Muitas pedras e tijolos se têm aí encontrado soterrados, que indicam o grande número de edifícios que o ocuparam e ainda lá vimos um pequeno sítio com o nome de corredoura, onde — diz o povo

— exercitavam os mouros suas corridas e outros jogos de cavalo”.

“Passand’o-se o rio, mais abaixo, para o poente, sobe-se o monte das almas da moura, que é (designado, nas antigas confrontações de alguns prédios, pelo monte das **Mamuinhas**, e fica a cavaleiro dos de Figueiredo de Rei e do Pinheiro da Bemposta. Por um alicerce, que o atravessa desde o rio, e por certos cabeços artificiais, que tem no plano, se colige que seria célebre nas conquistas entre mouros e romanos”.

“Contígua a êste monte está situada, para o norte, a pequena aldeia de Adões — nome que parece vir-lhe de aduares — e logo a de Avenal [avenalis] aonde se encontra, sôbre um pequeno outeiro, a casa do paço, habitada por um lavrador. Segue-se, depois, a freguesia de Madail e outro monte de Castro, junto do qual, dizem, houvera rija batalha, onde chamam Vila Covo, e mais rija, meia légua daí, em Rio d’Ossos. O povo conta que entre êste castro e o d’Ul deixaram os mouros escondidas as suas preciosidades, donde vem o dizer-se: “Entre castro e castril, cá deixaram seu ouril”. (54).

CASTRO (Souto do —), local na povoação do Casal, freguesia de Lourosa, concelho da Feira.

CASTRO (Tapaça do —), local na povoação de São Vicente, freguesia de Louredo, mesmo concelho.

CASTROS, local na povoação de Aldriz (55), freguesia de Argoncilhe (56), mesmo concelho.

CEPAS (Chão das —), local na povoação de Moure, freguesia de Lamas, mesmo concelho (57).

CEPEIRA, local na povoação do Vale, freguesia do mesmo nome, mesmo concelho (58).

CEPELOS, freguesia do concelho de Vale de Cambra.

CEPO, local nas povoações de Caldelas e Azevedo, freguesia de São Jorge, concelho da Feira, e na de Cedofeita,

freguesia de Vila Maior, mesmo concelho. O nome **Cedo-feita** é expressão cem por cento real de ancestralidade.

CESTEIROS, local na povoação de Mosteirô, (59) freguesia do mesmo nome, mesmo concelho.

CESTEU, local na mesma povoação, freguesia e concelho.

CESTINHA (Campo da —), local na povoação de Adoufe (60), freguesia de Arrifana, mesmo concelho.

CIVITAS, antiga briga, mota, ópido, lugar santo, etc.. Nos documentos da Idade Média tem a significação, quase sempre, de “centro de ruínas”, quer de antigos *brigae*, *oppida*, etc., quer de *villae*, *villares*, etc., e aparece, pela sua grande influência tradicional, de ponto de referência e limite dos diversos domínios rurais, habitações e monumentos, ao lado de outros marcos e visos, também importantes, os rios, as estradas e o mar (61).

As *civitates* da região, mais referidas nos documentos medievais, são as de Santa Maria (62), Marnel (63) e Serém (64).

CRASTO, local na freguesia de Paramos, concelho de Espinho.

CRASTO de Auille, na freguesia de Silvalde, do mesmo concelho (65).

CRISTEJA, local na mesma freguesia e concelho (66).

CRISTELO (67), no concelho de Albergaria.

ÇUVIDADE, na freguesia de Romariz, concelho da Feira (68).

DENTASES, local e povoação na freguesia de Milheirós de Poiares, mesmo concelho (69).

DUAS IGREJAS, povoação na freguesia de Romariz, mesmo concelho (70).

ESTRADA MOURISCA. A designação é medieval e vem, muitas vezes, na literatura da época. Refere-se à antiga via

de Antonino Augusto (71) e Ravenate (72), de **Olisipone Bracaram**, e corresponde, pouco mais ou menos, ao leito da atual estrada nacional n.º 10, de Lisboa ao Pôrto.

Grande número de documentos medievais cita troços dessa estrada na região da **civitas Marnelli e Serém** (73); região que domina Azevedo, povoação da freguesia de São Vicente de Pereira, concelho de Ovar (74); região de São João da Madeira e Arrifana (75); região de Arrifana e Romariz, freguesias ambas do concelho da Feira (76); região de São João de Ver (77); região de Fiães, Lourosa e Mozelos (78); e região de Argoncilhe (79) até aos limites do concelho de Gaia (80). Essas informações são valiosas para o estudo do leito antigo da via antonina e da toponímia medieval. Muitas povoações e simples lugares rurais são, hoje, de fácil identificação (81).

Arqueólogos modernos têm tratado de troços dessa antiga via.

O Pe. Conde estudou o cantão da freguesia da Branca, no concelho de Albergaria: “Creio, também, que está identificada a antiga via militar romana, na **Estrada Velha**, dentro da freguesia da Branca. A dominação **Estrada Velha** ou o simples nome do lugar que ela atravessa e que dela o recebe “**Estrada**” é de certo valor demonstrativo. Diz Viterbo que a denominação do lugar da “**Mourisca**” é prova de que ali passou a Estrada Romana “via militar”; com maior razão, aqui na Branca, a denominação “a **Estrada**”, dada a um lugar desde os primeiros tempos da nossa nacionalidade, é prova de que ali passava efetivamente a “**estrada**”; de certo, a única, ou, então, a mais importante, naqueles tempos. Efetivamente, já nas “**Inquirições**” de D. Afonso II, que devem remontar a 1220, se fala dos regalengos situados **sub strata**, isto é, para baixo da **Estrada**. E depreende-se que ela passava naquela altura, porque se trata de terrenos de menor valor do que os outros colocados “super”, para cima da estrada, isto é, na grande bacia aberta na base do monte. A **Estrada** passava no rebôrdio inferior que cons-

titui a linha divisória dos terrenos mais produtivos dos menos produtivos. Para baixo da Estrada, estende-se uma faixa de pinhal, de solo xistoso, impróprio para a cultura, cortado de vales cultivados e regatos cujas águas vão confluir no Antuã, a cerca de 3 quilômetros de distância. A existência de lagens, no trôço de estrada, que vai das Laginhas [sic] a Coche, fornece uma prova de valor, reforçada com a tradição que afirma que, além destas, muitas outras havia que os homens levantaram e levaram para longe, mormente depois da construção da Estrada Nacional. Muitas delas foram levantadas pela própria Junta de Paróquia, ou pelos homens que a constituíram, há muitos anos, e colocadas na estrada da Barroca, a formar passeios laterais, donde já desapareceram também. Julgo bastante identificada a “via militar romana” que, mais tarde, foi substituída pela “estrada mourisca” que com ela coincidiu quase sempre, como diz Viterbo, e a própria razão persuade. Aqui, a coincidência das duas impõe-se, por não haver outros vestígios dela, nem possibilidades de seguir outra direção...” (82).

Relacionada com a mesma via de **Olisipone Bracaram** está a designação Mourisca (83), a mais elevada povoação da vila de São João da Madeira, onde fica o monte do Pião, donde se lobrigam Castelões, freguesia do concelho de Vale de Cambra, a sua capela de Nossa Senhora da Saúde, Pindelo, Cesar, Macieira de Sarnes, Nogueira do Cravo, quatro freguesias do concelho de Oliveira de Azeméis, Milheirós e Romariz, freguesias do concelho da Feira. Uma velhota mourisquense disse-nos que anda no monte uma bicha-moura e comparou, pela forma, um pedregulho, que ali houve, com a capela, de câmara circular, de Santo Estevinho, expressão de carinho, de que os arrifanenses usam, quando querem falar do seu santo. O nome de Pião adveio ao monte de ter aí existido um marco geodésico, de grandes dimensões, e, talvez, um facho, atalaia ou telegre. O mesmo nome é dado ao monte da capela de Nossa Senhora dos Milagres, também, em São João da Madeira e ao monte da Mámoa, onde se venera Santo Estêvão, em Arrifana (84).

FORNOS, freguesia do concelho da Feira (85) e povoação na de Guisande, mesmo concelho (86).

MAMA do Gato, local na vila de Couto de Cucujães (87).

MAMA do Peralta (88), na mesma vila.

MAMOA, locais nas freguesias de Anrifana e Lobão; povoações nas de Fiães e Milheirós, tôdas do concelho da Feira.

MAMOA NEGRA, povoação no concelho de Albergaria.

MARMORINHA, povoação da freguesia do Vale, concelho da Feira. O povo valense canta:

Entre a Marmorinha e Fontela,

Está o tesouro da Manguela:

Carrega sete burros azeméis

E outros tantos, se quereis.

É possível que o topônimo seja deturpação popular de ***memorina** < **memoria**; de **memorare** “lembrar” (89).

MOMÃES (90), local na povoação de Godinho, freguesia de Jião, mesmo concelho.

MOTA (91), povoação na freguesia de Canedo, mesmo concelho.

MOURA, local na povoação de Louredo, freguesia do mesmo nome, município da Feira.

MOURA (Almas da), outeiro em frente do Monte Castro, de Santa Maria de Ul. É também conhecido por Monte da Moura. Aparece aí uma moura a soalhar roupas, ao nascer do sol, no dia de São João.

MOURA (Pedra da), na freguesia de Arões, concelho de Vale de Cambra.

Acêrca do topônimo, escreveu Antônio Martins Ferreira: “Na povoação das Novas, e no sítio, chamado **Pedra Moura**, ainda se encontram sepulturas dos celtas”. Quando foi presidente da Câmara Municipal, em 1915, o Pe. Antônio Rodri-

gues Tondela, ex-abade desta freguesia, fêz constar por editais e mandou ler nas igrejas vizinhas que incorria na multa de mil escudos quem desmoronasse a sepultura celta que existe na povoação da **Pedra Moura**, e a esta providência se deve a sua conservação.” (92).

MOURA (Vale .da), local na povoação de Pomar, freguesia de Jião, concelho da Feira.

MOURE, local na povoação do Carrascal, freguesia de Lamas, mesmo concelho; outro, na povoação de Ordonhe, freguesia de Argoncilhe, mesmo concelho; e outro ainda, em Casas, freguesia de Lourosa, mesmo concelho, também.

MOURO (Mato do), local na povoação de Lobel, freguesia de Vila Maior, concelho referido.

MOURO (Passo do), local em Pereira Jusã, concelho de Ovar, à margem de um ribeiro, segundo nos informou o nosso antigo professor Pe. Manuel Lírio. Diz-se que, em tempos muito remotos, um mouro da região foi condenado à **pena de passeio** por aquê local, onde deixou ficar impressas as suas pegadas de **passeio intérmino**. A rocha está cavada na extensão do **passeio do mouro** e soa como se fôsse tudo aberto por baixo (93).

MOUROS (Fonte dos), na região arqueológica de Santa Maria de Ul, concelho de Oliveira de Azeméis.

MOUROS (Forno dos), na freguesia de Silva Escura, concelho de Sever do Vouga: “Afora êstes penedos, dignos de nota, temos na pedra insculturada por **Forno dos Moiros** na Fonte Urgueira, junto ao caminho do **Arestal**, na freguesia da Silva Escura e na da **Anta** ou **Dolmen da Cerqueira**, na freguesia de Couto de Estêves, verdadeiros monumentos do concelho” (94). Segundo Alberto Souto, “a pedra insculturada do **Arestal** é, hoje, um dos monumentos mais notáveis da serra e do concelho de Sever” (95).

Ligada aos **Mouros** anda, também, a construção da igreja de Rio Meão, no concelho da Feira (96).

Diz-se que os Mouros a edificaram numa noite.

No seu levantamento, tanto trabalharam homens como mulheres.

Reza a tradição que, à medida que transportavam a pedra, as mulheres fiavam em suas rocas.

Que arquitetura estranha inspirou a lenda não sabemos bem. Expressão original, aparatosa, diferente da de outros templos da região. E muito houve de remota fundação, ascendendo ao românico, como testemunham inúmeros documentos medievais e talvez até ao bizantino, de que há vestígios, perto (97).

A lenda é vetérrima.

Não poderia criá-la o pouco que pode admirar-se, hoje, do que resta do antigo templo: a pequena rosácea, as portas mal cortadas, as pobres pedras nuas, aparelhadas, as unhas cimais das paredes, tudo a lembrar românico, frouxas reminiscências de uma misteriosa arquitetura que a fantasia do povo transportou aos **Mouros** que é quase o mesmo que dizer a arquitetos sobrenaturais, gênios ou duendes, com pactos com o diabo.

MURADO ou **Coteiro do Murado** ou só **Coteiro** (98), monte da freguesia de Mozelos, concelho da Feira, o mesmo que, em documentos medievais, aparece com a designação de **Sagitella**, **Saitella**, etc. (99).

Passa-lhe, perto, o rio de Nogueira que corre para Silvalde e o ribeiro de Prime que corre para Paramos, duas freguesias do concelho de Espinho.

Na base do **Coteiro**, há as fontes do **Casal**, **Pousadela**, **Vilas** e **Quintã**, quatro topônimos provenientes da administração romano-goda, ou romano-godo-portuguesa.

A estrada nacional n.º 10, de Lisboa-Pôrto, passa a 2 quilómetros de distância.

Os lugares mais próximos são: **Pousadela**, na freguesia

de Nogueira da Regedoura, **Casal, Vilas, Seitela, Sobral, Quintã e Igreja**, na freguesia de Mozelos.

O **mons** parece-se com um grande gigo brocado, de abertura para baixo, cujos lados medem 300.000 metros quadrados, e o fundo uns 50.000.

Avista-se do extenso planalto o Farol de Aveiro, Espinho, Anta, **Mosteiro** e Vendas de Grijó, Cerzeço, o monte de Nossa Senhora da Saúde dos Carvalhos, Santo Ovídio, Monte da Virgem, Pôrto, Matosinhos, Farol da Foz, procurando-se umas entre-abertas, etc..

Disse-me o Sr. Casimiro Milheiro (100) que existiu no **Coteiro** um **taler**, ou pôsto-telégrafo do marechal Saldanha, que funcionou numa pequena casa. Comunicava-se dêle para o monte do **Murado** ou de Nossa Senhora da Saúde dos Carvalhos, ao norte, e dêste monte para o da Virgem, **Vilar** de Andorinho, monte da Balada, em São João de Ver, ao sul, **castelo** de Vila da Feira, etc.. De noite, disse-nos, comunicava-se com sinais luminosos, archotes. A respeito do mesmo **taler**, contou-nos o Sr. Paulino de Amorim, que ainda conheceu um soldado telégrafo chamado Paulo José do Espírito Santo.

Disseram-nos que apareceu, no monte, um machado de pedra. Não ouvimos dizer mais nada, a respeito de outros achados, materiais e palpáveis. Fala-se, também, de um poço em qualquer local, de que não há vestígios, em cujo fundo estavam encantadas duas pipas: uma cheia de ouro em pó e outra cheia de peste, elementos preciosos das antigas religiões castrejas, ou, mais latamente, da etnologia castreja.

PAÇO, povoação da freguesia de **Cepelos**, concelho de Vale de Cambra, topônimo relacionado com a administração romana e romano-godo-portuguêsa (101).

PAÇO de Mato, povoação da freguesia de Roge, mesmo concelho (102).

PAÇOS de Brandão, freguesia do concelho da Feira.

PENEDO DA FAZENDA, local na freguesia de Talhadas, concelho de Sever do Vouga, “assim chamado por correr entre o povo que no seu interior está grande quantidade de dinheiro dos **Mouros**” (103).

PENEDO do Trigo, local na mesma freguesia e concelho, assim denominado, porque, segundo uma lenda, “os **Mouros** o encheram de trigo e o encantaram” (104).

POÇO NEGRO, ou Poço do Luto, local fundo, no rio Vouga: “Temos, ainda, no rio Vouga, para os lados da Ermida, a lenda do **Poço Negro**. É o caso de um môço cristão se ter apaixonado por uma galante **moura** de nome Artemígia, que, também, correspondia aos seus amôres. Esse môço, diz a lenda, resolve atravessar o rio, para ir ao acampamento dos **Mouros**, com o fim de raptar a donzela. A família do cristão, conhecedora dos desejos do mancebo, e, não querendo, por forma alguma, que êle tenha ligações com a dita **moira**, procura dissuaði-lo do seu intento. Êle não obedece e, às ocultas, resolve aproximar-se da tenda dos **Mouros**, porém a família corre à sua procura, e o môço, surpreendido pelos seus, tenta fugir-lhes, atravessando, a nado, o rio, mas com tanta infelicidade e precipitação o fêz que, momentos depois, morria afogado. A **moira**, ao chegar-lhe a notícia do acontecido, lastima a sua sorte, chora amargamente, cobre-se de luto por tôda a vida. . . e o local, onde morreu o cristão, passou, daí em diante, a ser conhecido por **Poço Negro** ou **Poço do Luto**” (105).

RIO MAU. É a continuação do rio Bom que nasce na freguesia de Silva Escura, concelho de Sever do Vouga. No trajeto do **Mau**, fica a queda da **Cabréia**, onde junto, no poço da **Dorna**, está, diz o povo, uma grade de ouro.

TORRE (Alto da): “Nos últimos tempos, tem-se encontrado vestígios de que num outeiro, fronteiro à igreja matriz de **Cacia**, e denominado **O Alto da Tôrre**, existiu uma povoação romana que alguns pretendem ter sido a referida

Talabriga. Tendo-se procedido a escavações, encontraram-se tijolos, fateixas, e outros elementos indicativos de tal existência” (106).

VILA. As vilas são consequência da romanização. São extensão das brigas, motas, ópidos, etc.. São, por isso, áreas arqueológicas, etnológicas e filológicas de muito valor, onde há sempre ruínas romanas, romano-godas e, por vêzes mesmo, pré-romanas, quer despojos palpáveis, quer elementos espirituais: lendas, topônimos, etc., por influência da população indígena muito superior em número. Algumas delas transformaram-se em sedes de municípios, paróquias, povoações, etc.. Chegaram, assim, aos nossos dias. Da mesma maneira, muitas das suas divisões, como *casa, casal, herdade, meã, paço, paçô, quarta, quartã, quinta, pau (de pagus), terça, vilar*, etc.. Outras, em menor número, foram absorvidas por propriedades mais extensas. Entre muitas outras vilas medievais do distrito, que chegaram aos nossos dias, destacamos as seguintes: Aldriz (107), Anta (108), Argoncilhe (109), Azevedo (110), Belece (111), Branca (112) Cabanões (113), Caldelas (114), Cesar (115), Chave (116), Covelas (117), Escapães (118), Esmoriz (119), Espinho (120), Fajões (121), Fornos (122), Gaiate (123), Gestosa (124), Lagoa (125), Lourosa (126), Maceda (127), Mançores (128), Manhouce (129), Milheirós (130), Nogueira da Regeçoura (131), Ordonhe (132), Ovar (133), Palmaz (134), Paramos (135), Pigeiros (136), Pousada (137), Prozelha (138), Ramil (139), Romariz (140), Sanguedo (141), Santa Cruz (142), São João da Madeira (143), São João de Ver (144), S. Vicente de Pereira (145), Silvalde (146), Travanca (147), Vila Chã (148), Vila Maior (149), Vila Nova (150) e Vilar (151). De vilas, principalmente de vilas medievais, temos falado em outros lugares (152) e preparamos estudos mais vastos, concernentemente ao assunto, mormente a respeito de **Vila da Feira**, razão por que somos aqui muito breves.

Este trabalho é apenas um ensaio de primeiros passos para outro, a respeito do mesmo assunto, de maior enverga-

dura, abrangendo todo o país, cujo título poderá ser “Toponímia Arqueológica de Portugal”, ou “Toponímia Portuguesa de Origem Arqueológica”.

Vêde mais alguma coisa em “Estudos de Língua Portuguesa, Toponímia, Arqueologia, Etnologia, São Paulo, 1960”.

N O T A S

(1) A comunicação foi publicada, em Lisboa, em 1945, com o título **Da Criação de Institutos de Cultura Regional, Museus e Bibliotecas em Todos os Concelhos de Portugal**.

(2) Vêde **Umica. Região do Município da Feira, Aveiro, 1954** (Separata do vol. XX do Arquivo do Distrito de Aveiro); **Estudos de Arqueologia, Etnografia e História. Antiguidades do Município de Gaia: Civilizações Pré-Romana, Romana e Romano-Portuguesa, Rio de Janeiro, 1957; e Estudos de Língua Portuguesa. Toponímia, Arqueologia, Etnologia, São Paulo, 1960**. Este trabalho deve, pois, ser lido em companhia dos três estudos indicados.

(3) Cf. D. Pascual Galindo Romeo, **Tuy en la Baja Edad Media, na Colección Diplomática, Doc. I, Carta do Couto de Tuy do conde D. Raimundo e D. Urraca: “... de illo portu de Sagatanes et vadunt inter Villarinum et Figueirolam et ad mamulam inter Superatam et Antam et per montem Savogarium et ad petram Fitam que est in portella Frede-nandi et ducuntur directa via ad pennam Albam et venit in Castrum et ad montem Aloie ...”**. O documento é datado de 1095.

(4) Vêde, **mei, Introdução ao Vocabulário de Entre Douro e Vouga**.

(5) Ano de 1037, nos **Dipl. et Chart.**, n.º 296.

(6) Cf. **Corpus Codicum, Rol das Freguesias do Julgado da Feira; também, Chancelaria de D. Afonso V, liv. 14, fl. 18 v. ano de 1466, acêrca de uma compra feita por “... huu Johã bertollameeu abade que foi danta já finado”** Ele “comprara huas casas em Ouar sem para ello teer nosa licença pollo que se he assy como nos disserom as ditas pertencem a nos por bem de nosas hordepnações e defesas sobre ello feitas e as podemos por ello dereitamente dar a quem nosa vontade for e hora querendo nos fazer graça e mercê a afonso rodrigues... escrivão das nosas sisas douar e cabanoes... fazemos-lhe realmente mercê das ditas casas”.

(7) O mesmo que **anta** ou **dólmene**. Cf. o que dizemos em **Estudos de Língua Portuguesa. Toponímia, Arqueologia, Etnologia, São Paulo,**

1960, pág. 11.

(8) É um pouco difícil relacionar-se Arceiros com Arca, por causa do latim *arcus* “arco”.

(9) Lembramo-nos do latim *ara* “altar”. Cf. Aral, local na freguesia de Romariz, concelho da Feira. De *ara* “altar”, mais o sufixo *-al*, designativo de abundância? Veja-se o que o sábio arqueólogo Leite de Vasconcelos diz n’ *O Archeólogo Português*, vol. XVII, p. 258: “... *Ad Septem Aras* qu’on lit dans l’*Itinéraire d’Antonin* comme désignant un lieu sur la voie d’Olisipo à Emerita d’après ce que j’ai dit dans les *Religions de la Lusitanie*, III, 508 *septem aras* peut signifier ici “sept dolmens” ou mieux “plusieurs dolmens”. “En ce qui concerne aras, j’ai déjà parlé de l’emploi d’autel comme synonyme de “dolmen”. Há outro topónimo, *Arilhe* na freguesia vizinha do Vale, muito perto de Aral. Joseph Piel, professor da Universidade de Coimbra, tira o topónimo valense de um germânico *Harjis* “exército”, com o sufixo latino, diminutivo *-ellus*. A forma *Arilhe*, supõe, teria provindo do genitivo.

(10) Sinónimo de castro, ópido, cidadela, etc., respectivamente do latim *castrum*, *oppidum*, *civitas*, etc..

(11) Estudamos êste topónimo noutro lugar.

(12) Vêde o que dizemos em a nota 10.

(13) O e de Castelo é fechado.

(14) Vale de Cambra, p. 134.

(15) Na mesma freguesia, assim como na de Espinho, existem *Briguido*, *Longuinho*, Oliveiras de *Castro*, Picadeiro do *Castelo*, Ribeiro de Baixo do *Castro*, Ribeiro de Cima do *Castro*. Cf. as bases *Brig de Briguido* e *Long de Longuinho* com *Longobriga*, cidade lusitana, pré-romana.

É tradição que no local do Ervedal da mesma freguesia “existem minas onde, de longe a longe, se ouvem trupos misteriosos, produzidos por mouras encantadas”, Pe. M. F. de Sá, *Monografia de Paramos*, p. 200.

A ps. 49 e 50, diz o mesmo autor:

“Muito perto do ponto de junção da estrada do Barreiro (Paramos) com a de Esmoriz — Picoto, existiu, por certo, um desses monumentos sepulcrais, como o revelaram as escavações de há sete anos”.

“Foram então postas a descoberto algumas sepulturas feitas de pedra sôlta, tendo do lado da cabeceira um tijolo, a fazer a vez de traveseiro. Esses covais eram cobertos com tampas ou lousas sepulcrais, de pedra da região”.

“No interior de dois dêes, foram encontradas uma caveira e uma tibia (restos)”.

“Como não aparecesse o tesouro sonhado, e as **rasas de libras** se sumissem no ventre da terra, as picaretas **imobilizaram-se**, proferindo o vulgo esta sentença: é um cemitério **do tempo dos afonsinhos...**”.

“Um dos morgados de Paramos, talvez o último, ouvindo dizer às pessoas mais velhas que no **Paramo** (um pouco ao nascente do apeadeiro da C.P.) se encontravam ricos tesouros escondidos e mouras encantadas, mandou proceder a escavações no dito local, mas muito em segredo e de noite, não sucedesse ter de repartir com outros meninos bonitos o preciosíssimo achado”.

“Depois de algumas horas de labor insano e discreto, o morgado e os seus homens depararam com umas galerias ou minas feitas de tijolo muito antigo, e, desolados e envergonhados, trataram de entulhar, novamente, a grande vala, aberta à custa de tamanho sacrificio, regressando a suas casas sem o apetecido tesouro”.

“Mas, pelo caminho, iam cochichando: o tal tesouro escondido é uma **lêria**, mas bem pode ser que aquelas minas debaixo do chão sejam a entrada para o tal palácio das mouras encantadas”.

“Tudo leva a crer e faz supor que se trata de mais um **dólmene** ou câmara sepulcral proto-histórica, e, portanto, muito anterior à época em que os Mouros por aqui passaram, de fugida”.

“As pessoas mais idosas desta freguesia são unânimes em afirmar, por o terem ouvido da bôca dos seus passados, que em tempos remotísimos, quando as galinhas tinham dentes e os animais tinham fala, a barra ou foz da Lagoa era livre e de fácil acesso, formando, então, a dita Lagoa uma extensa baía que chegava a cobrir as vessadas da marinha e as terras do Chão ou Lavoura da Pedra”.

“A essa baía que chamavam pôrto ou praia de Macieira, vinham acolher-se e ancorar barcos e caravelas”.

“De fato, há menos de um quarto de século, existia entre a via férrea e as ditas vessadas da marinha de dentro um grande rochedo dente-de-cavalo, de superfície polida, e com sinais evidentes de ter sido batido pelas vagas e servido para arrumação de embarcações”.

“Nêle me sentei eu muitas vêzes; mas já não existe esse interessante monumento arqueológico. O dono da propriedade, onde êle se encontrava, fê-lo desaparecer pois lhe dificultava a cultura do campo, denominado, como os próximos, Lavoura da Pedra.

(16) Segundo interpretação de D. Gabriel de Sousa, monge beneditino de Singeverga, e reitor da igreja de São Bento da Vitória do Pôrto.

(17) Também não o foram o **Castro de Sandim**, no concelho de Gaia, e o **Castelinho de Lever**, no mesmo concelho, de que já falamos, em **Estudos de Arqueologia, Etnologia e História, Antiguidades do Município de Gaia: Civilizações Pré-Romana, Romana e Romano-Portuguesa, Rio**

de Janeiro, 1957, págs. 9 — 15.

(18) Cf. Alberto Souto, **Romanização no Baixo Vouga**.

(19) Usa-se mais a locução **Monte do Castro**.

(20) Cf. **La Bretagne, Encyclopedie par l'Image**, p. 23.

(21) Do latim ***sabulanu-** < **sabulu-**.

(22) Vêde os meus **Estudos de Língua Portuguêsa, Toponímia, Arqueologia, Etnologia**, São Paulo, 1960, págs. 20 — 22.

(23) Ptolomeu, **Geogr. II 6, 22**.

(24) Aem. Hübner, **Corpus Inscriptionum Latinarum, II**, 756, 2378, 2601, 2602 e 5623.

(25) Ptolomeu, **op. cit. II 6,5**. Cf. **Nava**, potamônimo da Gália, em **Ausônio, Opuscula 118, v. 1**.

(26) Do latim ***antulana** < **antula** < **anta**.

(27) Vêde, **mei, OPRAP. = Onomástica Pré-Romana...**, na **Revista de Portugal**, vol. **XXV**, Lisboa, 1960, págs. 272-273.

(28) Do latim **insula** “ilha”.

(29) **Anta** é o mesmo que **arca, orca dolmen, etc.**

(30) Cf. **Santos Eventos, Santos Idos, Santos Ilos, etc.**. **Santos Eventos** é uma divinização dos sucessos. **Idos e Ilos** devêm do latim **idolum**, do grego **idolon** “imagem, ídolo, etc.”.

(31) Cf. **N. M. de Sousa Moura, O Panorama**, vol. **II, 2.a Série**, Lisboa, 1843, p. 344: “pequeno sítio... onde exercitavam os **Mouros** suas corridas e outros jogos de cavalaria”.

(32) Vêde, **mei, Antiguidades do Concelho da Feira. Langobriga**, p. 17.

(33) Vêde **O Comércio do Pôrto**, de 12 de fevereiro de 1896; **Portugal**, vol. **II**, p. 67; **O Archeólogo Português**, **II**, 86; **Anais do Município de Oliveira de Azeméis**, (1909), p. 3.

(34) Alguns despojos arqueológicos podem ver-se em **Couto de Cucujães**, num pequeno museu organizado pelo abade **João Domingues Arede**.

(35) Vêde os **Anais do Município de Oliveira de Azeméis** (1909), p. 267.

(36) Este estudo foi quase integralmente publicado no jornal **Novidades**, de 17 de março de 1946, com o título **Ullica — Importantes Despojos Arqueológicos Achados em Ul, Oliveira de Azeméis**. O nome **Ullica**, tiramo-lo de **Ulla**, nome antigo do rio **Ul**. Cf. **Baetica**, de **Baetis**, com o mesmo sufixo.

(37) O arroz é descascado, em **Santa Maria de Ul**, nos moinhos de

milho. O pé (ou mó dormente) é forrado com uma fôrra de cortiça, de 0,01 m ou 0,02 m de espessura. A mó movente ou giratória move-se ou gira por cima da fôrra e assim descasca o arroz sem o moer.

(38) Vêde, **mei**, **Vocabulário de Entre Douro e Vouga**.

(39) **Idem**.

(40) **Idem**.

(41) **Idem**.

(42) **Idem**.

(43) Realiza-se esta festa na segunda-feira de Páscoa.

Quem tem burro leva-o à feira para o trocar. Se não o trocar, ficará tão burro como o burro que não trocou. E por um ano inteiro. Até ao meio dia, os festeiros divertem-se a saltar, com os seus cavalos e cavalicoques, um régo largo de água de 1,50 m de largura e 1 m de profundidade, aproximadamente. Os animais, por vêzes, caiem. Há grandes algazaras dos presentes. E assim brincam, tôda a manhã. De tarde, é a festa de arraial e feira. É a esta feira da Alumieira da Páscoa que os padrinhos e madrinhas vão comprar os folares para os seus afilhados: regueifas de UI, com ovos cozidos, adornados com pássaros, feitos da mesma massa. É dos cerimoniais da festa que as raparigas, nesse dia, troquem os seus namoros, da mesma maneira que devem trocar-se os burros. Possivelmente, tôdas estas práticas estão relacionadas com vetérrimas religiões lusitanas, para além dos Romanos.

(44) Realiza-se esta festa, no Loureiro, no dia 14 de setembro. É de tradição, possivelmente, céltica. Vêde Émile Souvestre, **Le Foyer Breton**; e Madeleine Desroseaux, **La Bretagne Inconnue**.

(45) A respeito da origem etimológica de **Cambra**, vêde **OPRAP**, loc. cit. (em a nota 27), pág. 152.

(46) A **Pedra Má** é um rochedo muito abrupto, no têrmo da serra do Pereiro, sôbre o **Insua**, ao pé de uma grande queda de água, de cêrca de 15 metros de altura, em cujo fundo sombrio e misterioso está uma grade de ouro, que só poderá sair dali, puxada por uma junta de dois touros gêmeos, pretos, o que é muito difícil de conseguir-se. Devemos esta informação ao eminente Juiz Conselheiro Dr. Manuel Tavares da Costa, mui querido amigo.

(47) Na base do antigo ópido, vimos fortes colunatas, redondas e retangulares, de pedra, revestidas de salão (vêde nota 21) e de cal, fortes de mais para o pequeno pêso das ramadas que estão a sustentar. Não serão estas colunas uma inspiração da velha arquitetura do ópido?

(48) Nome da mesma origem etimológica de **UI**. Vêde, a respeito desta e outras relações, entre Portugal e a Galiza, a minha **OPRAP**.

(49) Nos **Arquivos do Seminário de Estudos Gallegos**, vol. VI, p. 325.

(50) **Idem.**

(51) Também, o **Castro de Damonde**, que lhe fica em frente, vem referido num documento do ano de 1274: “Item disserom que ha y huum crasto, que chamam da Damundi em essa honra e trage o El rrey aa ssa mão”, no **Livro Preto de Grijó**, fl. 19. Cf. Pe. Miguel de Oliveira, no **Arquivo do Distrito de Aveiro**, vol. IX, artigo com a epigrafe **De Talabriga a Langobriga pela Via Militar Romana**, de que saiu separata.

(52) **Chancelaria de D. Dinis**, liv. I, fl. 103. Cf. Pe. Miguel de Oliveira, *ibid.*

A parte mais importante do documento, sob o ponto de vista arqueológico e filológico, é a seguinte: “E eles derom por termho do **Craсто** toda a carcaua ou grata de lo Ryo de Bitoãã hu sta huma aueleeira e uem sse a huma morouça que esta em direito dessa grata como sse uay pela spiga dessa grata ou carcaua per a par da herdade da Eigreja e uay ferir pela spiga e, pelo direito dessa carcaua e uay aa carreyra que uem da Eigreja e da vila pera esse **Craсто** sempre pela spiga ata o Ryo de UI e direito dela dicta spiga...”.

(53) **Chancelaria de D. Dinis**, liv. I, fl. 106 v.

(54) **N’O Panorama**, vol. II, Série 2a., Lisboa, 1843, artigo com o título **Antiguidades — Santa Maria d’UI**, p. 344.

(55) Povoação muito velha, já referida num documento de 897, **Dipl. et Chart.**, 8.: “...ipsa uilla sanganeto pro suis terminis exceptis uilar de elderiz que dedimus ad abdelegar mauro. .”. Cf. “uilla dicta elderiz”, ano de 1096, **Dipl.** 501.

(56) Observar as grafias medievais **Dragoncelhe**, **Dragoncelli**, **Dragunceli** e **Draguncelli**: **Dragoncelhe** vem num rol das freguesias dos julgados da Terra de Santa Maria da Feira em que se paga e em que não se paga portagem, elaborado por Fernão Lopes, em 1453, baseando-se nas **Inquirições de D. Denis**, de 1288, no **Corpus Codicum Latinorum et Portugalensium eorum qui in archivo municipali Portucalensi asservantur antiquissimorum jussu Curiae Municipalis editum**, vol. I, fasc. III, p. 536; **Dragoncelli**, ano de 1100 e 1102, no **Livro Baio Ferrado** do mosteiro de Grijó; **Dipl.**, 546; e **Documentos Medievais Portugueses** publicação da Academia Portuguesa da História, Lisboa, 1940, pág. 66; **Dragunceli**, ano de 1086, **Livro Baio Ferrado** de Grijó, **Dipl.**, 399; e **Draguncelli**, ano de 1091, **Dipl.**, 756. **Argoncilhe** (ou melhor, **d’Argoncilhe**), já assim escrito, vem no recenseamento de 1527 ordenado por D. João III; vêde o meu trabalho **Estudos de Língua Portuguesa**. As designações “**Santa Maria**”, “**Civitas**”, “**Terra** (de **Santa Maria**)” e “**Feira**”, Rio de Janeiro, 1956, pág. 22. Vêde nota 79, onde todos os documentos, aí referidos, dizem respeito à região argoncilhense.

(57) Relacionamos, com dificuldade, com a arqueologia tanto êste topônimo como os sete seguintes: **Cepeira**, **Cepelos**, **Cepo (bis)**, **Cesteiros**, **Cesteu** e **Cestinha**. Contudo, **cippus** é pedra tumular ou coluna funerária, de pedra ou de madeira. L. A. Constans, professor da Faculdade de Letras de Paris, em sua edição de *de bello Gallico* de Júlio César (*Guerre des Gaules*, Paris, Hachette, 1932), traduz **cippos** (VII, 73,4) por “pierres... qu'on dressait sur les tombeaux”, acrescenta que poderia traduzir-se por cemitério “on pourrait traduire le cimetière”, e dá a fonte de Aulo Gélío (*Noctes Atticae*, XVI, 7,4,9), onde o autor das *Noites Áticas* censura o mimo Labério que empregou o vocábulo “envelhecido” e “manchado de trivialidade”. **Cista** é caixa, “cofre”. Poderá ter passado a designar, em linguagem popular, metafóricamente, “urna funerária”, “túmulo”, “campa”.

(58) Vêde o que dizemos em a nota anterior.

(59) Vêde o que dizemos em a nota anterior.

(60) Povoação muito antiga, já citada na *Carta de Couto do mosteiro de Cucujães*, feita por D. Afonso Henriques, no ano de 1139: “...ad illa Mamola que separat cum Adaufi...”.

(61) Cf. os seguintes visos: **subtus monte grande** (ano de 1018); **subtus alpe mons sagitella** (anos de 1037 e 1086); **subtus alpe mons buzaco** (anos de 1041 e 1053); **subtus monte petra curuella** (ano de 1041); **subtus alpe fuste** (ano de 1056); **subtus monte outurelo** (ano de 1077); **subtus monte co'al** ano de 1085); **subtus mons parata louaz** (?) (1088); **subtus monte redondo** (ano de 1089); **subtus monturelo** (ano de 1096); **subtus mons sauto rrodondo** (ano de 1097); **subtus mons balastario** (ano de 1098); **subtus monte de penna** (ano de 1100). A designação **alpe** “monte alto” considera-a Adolf Schulten de origem ligúrica: “**nomen... non Celtorum sed Ligurum videtur**”, nas *Fontes Hispaniae Antiquae*, I, 119. São limites potâmicos: **discurrente rio mediano** (ano de 977); **discurrente ribulo azeuedo** (ano de 1002); **trans durio** (ano de 1014); **discurrente tarauquela** (ano de 1018); **discurrente riulo ouar** (anos de 1026, 1081 e 1083); **discurrente ribulo lagona** (ano de 1037); **secus alueum ure** (ano de 1041); **inter dorio et uauga e inter dorium et uauga** (ano de 1053); **discurrente ribulo camie** (ano de 1056); **in ripa durio ex parte calleca** (ano de 1072); **discurrente riulo feueros** (anos de 1077, 1089 e 1096); **secus riulum fibros** (= feueros) ano de 1081); **discurrente ribulo humia** (ano de 1085); **discurrente riulo ur** (ano de 1088); **discurrente ribulo ur** (ano de 1088); **discurrente rribulo umia** (ano de 1097); **decurrente ribulo fibros** (ano de 1097); **des durio in uauga** (ano de 1098); **discurrente ribulo ignea** (ano de 1098); **discurrente flumen camia** (ano de 1098); **discurrente riulo nouelios** (ano de 1100); **discurrente ribulo umia** (ano de 1100); **discurrente ribulos antuana et ure...** São pontos de referência viais e marítimos os seguintes: **super stratam** (ano de 1096); **siue super strada comodo subtus**

illa strada (ano de 1098); *prope littus mare* (ano de 1018); *et ferent ipsas lareas in litori maris* (ano de 1037); *discurrente ribulo que dicent lagona usque se infundit in mare* (ano de 1037); *prope litore maris* (ano de 1083); *prope litore maris* (ano de 1098).

(62) Vêde o meu trabalho *Estudos de Língua Portuguêsa*. As designações “Santa Maria”, “Civitas”, “Terra (de Santa Maria)” e “Feira”, Rio de Janeiro, 1956, págs. 3 — 8, onde damos 63 documentos referentes a esta cidade e abundante bibliografia.

(63) Vêde *Dipl. et Chart.*, 73, 84 e 819, documentos dos anos de 957, 961, e 1095; também, Fr. Joaquim de S. R. de Viterbo, *op. cit.*, v. *Cidade III*, e Pe. Miguel de Oliveira, *De Talabriga a Langobriga...*, p. 7, onde cita outro documento de 1121.

(64) Num documento de 1170, *ap. Pe. Miguel de Oliveira, op. cit.*

As duas cidades, Marnel e Serém, dominavam a passagem do Vouga e ficavam situadas: a primeira, na margem esquerda do rio, onde confluem o Marnel e o Beco, na freguesia de Santa Maria de Lamas — “sancta maria de lamas”, num documento de 961 (*Dipl. et Chart.* 84) —; a segunda, na margem direita, entre Belhe e Alquerubim, dois topónimos de que tratamos em **OPRAP** e em **O Nome Aveiro**.

(65) A forma **Auille** é de um documento do ano de 897, nos *Dipl. et Chart.*, 12. Outras formas medievais são: **Auvil**, ano de 922 (?), *Dipl.* 25. **Douvil**, no *Corpus Codicum...* (vêde nota 56); cf. Pe. Manuel Francisco de Sá, *Monografia de Paramos*, p. 393; **Obil**, ano de 1090, *ap. Pe. Manuel Francisco de Sá, ibid.*; **Obile**, *id., ibid.*; **Ouibil** e **Ouille**, *mei*, *Anti-guidades do Concelho da Feira*. **Langobriga**, documentos dos anos de 1055 e 1076; **Ouvil**, ano de 922, *Dipl.* 25; **Ubile**, ano de 1057 (?), *Dipl.* 247. Há, modernamente, no local, **Gulhe**, povoação da referida freguesia de Silvalde. Parece que os topónimos se relacionam todos com o mesmo local, mas temos dificuldade em os aproximar filologicamente. Se o último é o mesmo para todos eles, houve influências analógicas de outras vozes, e em **Gulhe** pode ter havido alteração do **u** de influxo germânico.

(66) Há, também, aí, **Cristeja** de Fora e Talho da Nascente da **Cristeja**.

(67) Também, conhecido por **Crasio da Branca**

(68) O **u** provém da influência de **subir**. Na Matriz Predial de Vila da Feira está escrito **Subidade**.

(69) De **de + antas + es**, ao que parece. O elemento **de** aglutinou-se a **antas**, de que resultou **Dantas** e **Dantases**, com sobreposição do plural, como em **Moses**, povoação da freguesia de Olival, concelho de Gaia, em vez de **Mós**, como em **Pôrto de Mós**. Cf. **poses**, por **pós**. O ditongo **an** evoluciona para **en**, como em **enteado** de **antenatu**. O topónimo

aparece já num documento do ano de 1139 com a grafia **Dentazes**, Livro **Baio Ferrado**, fl. 82 v.

(70) Vêde Pe. Manuel Francisco de Sá, **Breve Monografia de Duas Igrejas**, onde vêm referidos dois documentos dos anos de 1288 e 1290; também, **Corpus Codicum...** I, 536 “**Sam Miguel de duas Igrejas**”. Vêde toda a descrição do documento do **Corpus Codicum**, na nota 56.

(71) **Itinerarium**. Vêde, **mei**, **Antiguidades do Concelho da Feira Langobriga**, onde vem copiosa bibliografia, a respeito das vias militares romanas da Península, e **Antiqua Lusitania...** Rio de Janeiro, 1958, págs. 125 — 131.

(72) **Cosmographia et Gvidonis Geographica**. Vêde, **mei**, **Antiqua Lusitania**, págs. 134 — 139.

(73) “**de alia parte per estrata maiere**”, **Dipl. et Chart.** 378, documento de 1050; “**et diuide per illa strata maiore et de alia parte diuide per illo termino de sancta maria de lamas**”, **ibid.** 549, ano de 1077.

(74) “**in uilla dicta azeuedo subtus illam stratam mauriscam**”, **Livro Baio Ferrado**, fl. 99 v.

(75) “**quomodo conclude per illa strata de iusta illa ecclesia de sancti ioanni a parte ur**”, **Dipl.** 704, ano de 1088; “**illa strada mourisca ata illo ueneiro**”, documento da Torre do Tombo, Colecção especial, c. 52, m. 5, n.º 79.

(76) “**dou atque concedo ad loci illius sancti petri illas hereditates quantas ganauí cum viro meo des durio in uauga siue super strada comodo subtus illa strada de ipsa mea ratione medietate integra et habent iacentia in territorio castro portela et ciuitas sancta maria prope litore maris discurrente ribulo ignea...**”, **Dipl.** 870, ano de 1098.

(77) “**inter Gueifar et Casal de Patre et de alia parte inter Lauandeira et illa strata maurisca sub illas mamolas de Uillela**”, **Documentos Medievais Portuguêses**, p. 25, ano de 1101.

(78) “**in uilla dicta moazelus... subtus monte saitella discurrente strata ad portum asinariu riuolo maior**”, **Dipl.** 867, ano de 1097; “**infra hos terminus**”: **ad horientem strata maurisca**, **ad occidentem moazelus et sagitella**, **ad aquilonem luiuanes et clauiano**, **ad affricum laurúsela...** **subtus monte auturelo**, **discurrente riu maior**, **prope castellum sancte marie**”, **Livro Baio Ferrado**, fl. 86 v.

(79) “**in Resmaa subtus monte Ordoni... et est super illam stratam**”, **Documentos Medievais Portuguêses**, p. 42, ano de 1101; “**in uilla draguncelli subtus monte de pena discurrente riuolo feuerus territorio portugul super illam stratam**”, **Dipl.** 756, ano de 1091, “**in uilla Dragoncelli subtus monte Saxo Albo** [hoje Seixo Alvo, povoação da freguesia de Santa Maria de Olival, concelho de Gaia]... **super illam stratam**”,

Documentos Medievais Portugêses, p. 66, ano de 1102; "in ulla Ramiri et Ordoni et in Petri et in casal d'Aluella subtus monte Ordoni... super illa strada", *ibid.*, p. 303, ano de 1109; "in ulla ramir subtus monte rotundo discurrente riulo feuerus super illam stratam et subtus eamdem stratam mauriscam prope littus marinus sub castello sancte marie", Livro Baio Ferrado, fl. 68 v.

(80) Vêde, a respeito de Gaia, *Dipl. et Chart.* 174, ano de 995; Livro Baio Ferrado de Grijó, fl. 18, ano de 1148; *ibid.*, fl. 94, ano de 1112; *ibid.*, fl. 61 v., ano de 1117; *Dipl.*, 675; *ibid.*, 563, ano de 1078; *ibid.*, 870, ano de 1098; também, os meus *Estudos de Arqueologia, Etnologia e História. Antiguidades do Municipio de Gaia...* Rio de Janeiro, 1957; *O Nome Portugal*, Rio de Janeiro, 1958.

(81) Na nota 73, *sancta maria de Lamas* é, hoje, Santa Maria de Lamas; na nota 74, *azeuedo* é, hoje, Azevedo, povoação da freguesia de São Vicente de Pereira, concelho de Ovar; na nota 75, *sancti ioanni* é, hoje, São João da Madeira; na nota 76, *ignea* é, hoje, Inha; na nota 77, *Gueifar* é, hoje, Gueifar; *Lauandeira* é, hoje, Lavandeira; *Uillela* é Vi. lela; na nota 78, *mozelus* é, hoje, Mozelos; *saitella* é Seitela; *riulo maior* é Rio Maior; *sagitella* é Seitela (*rursus*); *laurusela* é Lourosela; na nota 79, *Ordoni* é, hoje, Ordonhe; *draguncelli* ou *Dragoncelli* é, hoje, Argoncilhe; *feuerus* é Febros; *Ramiri* ou *ramir* é Ramil.

(82) *Novidades*, de 10 de fevereiro de 1942.

(83) Vêde Arlindo de Sousa, *Vila da Feira Lusitano-Romana*, em o Douro-Litoral, publicação da Junta de Província do Douro-Litoral, pág. 6, nota 1, e *id.*, em *Las Ciências* [de Madrid], Ano X, n.º 2, de que saiu separata.

(84) Vêde, *mei*, *O Concelho da Feira*, p. 53 e estampa XXXII; e *Onomástica Pré-Romana. A Propósito de Três Divindades...*, na *Revista de Portugal*, vol. XXV, pág. 279, Lisboa, 1960.

(85) *Vem já referida no Corpus Codicum*, rol dos julgados da Terra de Santa Maria. Vêde nota 56.

(86) Já citada num documento do ano de 1100, *Dipl.* 950.

(87) O mesmo que *Mámoa* "montículo de terra, natural ou artificial, para o assento de antas, arcas ou dólmenes". É expressão metafórica. Cf. os derivados de *arca*, *cippus* e *cista*. Vêde notas 57 — 59.

(88) *Peralta* é o latim *petra* e *alta* "pedra alta". Talvez um dos esteios ou a mesa de alguma anta, arca, orca, dólmene, etc..

(89) Já assim, pensou o Prof. Alfredo Gonçalves de Azevedo que foi quem colheu a cantiga citada. Vêde *Arquivo do Distrito de Aveiro*, vol. XIII, p. 231.

(90) O mesmo, ao que parece, que *Mamães* ou *Mámoas*.

(91) A respeito da significação e de numerosos derivados, vêde a

minha Onomástica Pré-Romana. A Propósito de Três Divindades Ante-Romanas da Região de Entre Douro e Vouga, Lisboa, 1960. O local é de grande tradição romano-goda, e, possivelmente, proto-histórica e pré-histórica. Dizemos isto porque **Mota**, hoje povoação da freguesia de Canedo, foi, na Idade Média, paróquia, como se vê pelo rol das freguesias, no **Corpus Codicum**... Vêde nota 56.

(92) **Vale de Cambra**, p. 66. A informação é preciosa, sob o aspecto arqueológico. Tenha-se, porém, muito cuidado com a celticidade atribuída à referida sepultura.

(93) Escrevemos **Passo**, um pouco sugestionados pela lenda. Pense-se, também, em **Paço**, do latim **palatium**. No primeiro caso, o topônimo relaciona-se com a viação local; no segundo, com a administração romana e romano-godo-portuguesa.

(94) J. L. F. Lobo e Silva, **Sever do Vouga**, p. 125.

(95) **Ap. id., ibid.**, p. 128. Vêde o que dizemos acêrca de vários topônimos, provenientes do etnônimo **Mauri** nos **Estudos de Língua Portuguesa**. **Toponímia, Arqueologia, Etnologia**, São Paulo, 1960.

(96) Vêde, **mei, O Concelho da Feira**, estampa n.º **XXIX**.

(97) Provém do monte de Santa Maria de Fiães, concelho da Feira, **um as libral**, bizantino.

(98) **Coteiro** é vocábulo de origem pré-romana que quer dizer “cimo, penhasco, colina rochosa, alto, etc.”. Vêde Ramon Menendez Pidal, **Toponímia Prerromânica Hispana**, Madrid, 1952, págs. 269 — 275. Cf. **Leite de Vasconcelos, n' O Archeólogo Português**, vol. XIV, pág. 294. **O Coto Grande**, diz o povo, foi uma cidade dos Mouros (**Archeólogo Português, XXIX, 31**). Conhecemos, também, **Coto da Cidade e Cota**, entre o Paiva e o Vouga (região de Aveiro), terreno de copiosos vestígios arqueológicos. A respeito de inúmeros derivados, tanto portugueses como espanhóis, vêde o meu estudo **Onomástica Pré-Romana. A Propósito de Três Divindades Ante-Romanas da Região de Entre Douro e Vouga**, Lisboa, 1960.

(99) Vêde notas 61 e 78.

(100) Em carta de 28 de setembro de 1943.

(101) Vêde o que, a respeito dêste elemento da administração romana, diz Alberto Sampaio, nos **Estudos Históricos e Econômicos**, Pôrto, 1923, p. 81, capítulo **As Villas do Norte de Portugal**: “Uma vez, porém, que a **villa urbana** por força havia de ter existido, visto ser um elemento essencial de ordem no regime romano e visigótico, a sua denominação própria só podia expungir-se, quando êste se difundiu, e por isso havemos de ir procurá-la no último jazigo dos diplomas. E de fato, fixado na toponímia, encontra-se, já no ano 747, nos documentos da Galiza, um nome

comum antigo — **palatium**, cuja significação se adapta a essa vivenda dominical — **per terminum Palatio** — & **praesimus loca Palatii**, e na nossa coleção em **villa palatiolo**, ano de 922, 924..., **palatio**, ano de 950. Esta palavra fôra de prática seguida e prolongada, sem o que não se teria gravado no onomástico local; contendo uma noção de autoridade ou de governo, adotou-a aqui o povo, no tempo romano, para exprimir a habitação do proprietário, pois era êste realmente quem governava todos os habitantes da vila... Mas que **palatium** e **palatiolum** designaram as **villae urbanae** primitivas está a dizê-lo, além do mais, a toponímia; **Paço** e **Paçô** encontram-se vulgarmente na freguesia, como nomes locais”.

(102) Vêde o que dizemos na nota anterior.

(103) J. L. F. Lobo e Silva, *op. cit.*, p. 125.

(104) *Id. ibid.*.

(105) *Id.*, *ibid.*, ps. 159 — 160.

(106) **Tradição**, número dedicado ao distrito de Aveiro, comemorativo dos Centenários da Fundação e Restauração de Portugal.

(107) Vêde nota 55.

(108) Ano de 1037, **Dipl.**, 296, e ano de 1042, **Dipl.**, 325: “hanta”.

(109) Vêde nota 56.

(110) Ano de 897, **Dipl.**, 8: “acibeto”, e ano de 978, **Dipl.**, 125: “azeuedo”.

(111) Ano de 1132, Códice 79 do Cartório de Paço de Sousa, fl. 40 v. e 41 v., citado pelo Pe. Manuel Fernandes dos Santos, **A Minha Terra**, p. 35: “**uilla bellecl**”.

(112) Ano de 1098, **Dipl.**, 893: “auranca”.

(113) Ano de 1026, **Dipl.**, 261: “Kabanones”.

(114) Ano de 1097, **Dipl.**, 851: “caldelas”.

(115) Ano de 1068, in João Pedro Ribeiro, **Dissertações Chronológicas e Críticas**, I, 223: “**Cesari**”.

(116) Ano de 1113, **Documentos Medievais Portuguezes**, n.º 426: **Chau**; e n.º 352: **Flau**.

(117) Ano de 1132. Vêde nota 111: “**couelas**”.

(118) Ano de 1053, **Dipl.**, 220: “**scapanes**”, e no rol das freguesias dos julgados da terra de Santa Maria da Feira, no **Corpus Codicum**... “**Escapaaes**”. Vêde nota 56.

(119) Ano de 897, **Dipl.**, 12: “**ermoriz**”; ano de 1057, **Dipl.**, 404: “**ermorizi**”; ano de 1090, **Dipl.**, 739: “**ermorizi**”; ano de 1013, **Dipl.**, 220: “**ermorizi**”; também, no rol das freguesias, no **Corpus Codicum** (vêde nota 56): “**Armoriz**”.

- (120) Ano de 1055, **Dipl.**, 396: “**espinu**”.
- (121) Ano de 1068, ap. João Pedro Ribeiro, *op. cit.*, I, 223: “**Fagiones**”; também, no rol das freguesias, no **Corpus Codicum**...: “**Fajooos**”.
- (122) Ano de 897, **Dipl.**, 8: “**fornos**”, e ano de 1100, **Dipl.**, 950: “**for-nos**”; também, no rol das freguesias, no **Corpus Codicum**...
- (123) Ano de 1085, **Dipl.**, 638: “**gaiati**”.
- (124) Ano de 1085, doc. 639, citado pelo Pe. Manuel Fernandes dos Santos, *op. cit.*, p. 35: “**genestosa**”.
- (125) Ano de 1057, **Dipl.**, 404: “**lagona**”.
- (126) Em Fr. Joaquim de S. R. de Viterbo, **Elucidário**... s. v. **Tempreiros**: “**laurosa**”. Cf. **Livro Baio Ferrado**, ap. Pe. Manuel Francisco de Sá, **Santa Maria de Fiães**, p. 30: “**laurosa**”.
- (127) Ano de 1053, **Dipl.**, 385: “**mazaneda**”; cf. 220 e 394; também, no rol das freguesias, no **Corpus Codicum**... “**Maçada**”.
- (128) Ano de 1085, doc. citado pelo Pe. Manuel Fernandes dos Santos, *op. cit.*, p. 35: “**Manzores**”, e ano de 1068, em João Pedro Ribeiro, *op. cit.*, I, 223: “**Manzores**”.
- (129) Ano de 1053, **Dipl.**, 385: “**maniozi**”; nas **Inquirições de D. Afonso III**: “**parochia de manoci**” e no rol das freguesias, no **Corpus Codicum**... (vêde nota 56). Sucedeu à paróquia de **Manhouce** a atual de Arrifana. Vêde, para o estudo desta freguesia, Saúl Eduardo Rebelo Valente, **Terras da Feira, Notícias e Memórias da Freguesia de Arrifana de Santa Maria**, Coimbra, 1937, p. 7 e segs..
- (130) Ano de 1081, **Dipl.**, 598: “**milleirolos**” e ano de 1083, **Dipl.**, 618: “**melieiros**”.
- (131) Ano de 1086, **Dipl.**, 669: “**noqueira**”. Cf. ano de 1055, **Dipl.**, 396: “**noquera**”.
- (132) Vêde a nota 79: “**monte Ordoni**” e “**uilla Ordoni**”.
- (133) Vêde **Livro Preto**. fl. 124 v., ap. Pe. Miguel de Oliveira, no **Arquivo do Distrito de Aveiro**, vol. II, p. 23: “**oluar**”. Cf. “**in porto de obal ecclesia uocabulo sancto donato et sancto iohanne**”, ano de 922 (?) **Dipl.**, 25.
- (134) Ano de 1098, **Dipl.**, 893: “**palmazes**”.
- (135) Ano de 1013, **Dipl.**, 220: “**paramio**”; ano de 1050, **Dipl.**, 378: “**paramio**”; ano de 1053, **Dipl.**, 385: “**paramio**”; ano de 1057, ap. Pe. Manuel Francisco de Sá, **Monografia de Paramos**, p. 55: “**paramio**”; princípios do século XIII, no **Censual do Cabido da Sé do Porto**, ps. 549 e 550: “**Ecclesia Santi Tirssi de Paramtos**”; ano de 1330, ap. Pe. Manuel Francisco de Sá, *op. cit.*, p. 73: “**Paramhos**”; também, no rol das freguesias, no **Corpus Codicum**... (vêde nota 56), etc..

- (136) Ano de 1085, Dipl., 638: “peiaríos” e no rol das freguesias, no **Corpus Codicum...** “Pageiros”.
- (137) Ano de 1037, Dipl., 296: “pousata” e “pausata”.
- (138) Ano de 1050, Dipl., 378: “porceli”; cf. Aguiar Cardoso, **Terra de Santa Maria**; também, no rol das freguesias, no **Corpus Codicum...** (vêde nota 56): “S. Andre de Pouzelhi”.
- (139) Ano de 1089, Dipl., 720: “casal de ramir” e “uilla ramir”, e ano de 1151, **Livro Baio Ferrado**, fl. 68 v., ap. Pe. Miguel de Oliveira, no **Arquivo do Distrito de Aveiro**, vol. XI, ps. 67 — 68. Vêde, também, a nota 79.
- (140) Ano de 1059, Dipl., 420: “romarizi”.
- (141) Ano de 897, Dipl., 8: “sanganeto”; também, no rol das freguesias, no **Corpus Codicum...** (vêde nota 56): **S. Xpovam de Sangaedo**.
- (142) Ano de 1037, Dipl., 296: “sancta cruce”. Cf. ano de 922 (?), Dipl., 25.
- (143) Ano de 1088, Dipl., 703 e 704: “sancto iohne de materia” e “sancti iohanni”; ano de 1139, na **Carta de Couto do Mosteiro de Cucujães**, feita por D. Afonso Henriques: “Sancto Johane”; também, no **Arq. Nac.**, Col. Esp. 2.^a p. c. 52, maço 3, ap. Pe. Miguel de Oliveira, no **Arquivo do Distrito de Aveiro**, vol. VIII, p. 68: “Sancto Ioane de Madeira”; e no rol das freguesias, no **Corpus Codicum...**: **Sanhoane da Madeira**”.
- (144) Fins do século X, ao que parece, Dipl., 1, com a data, aí, de 773: “uilla ualerii”. Cf. Pierre David, **Études Historiques sur la Galice et le Portugal** — cap. **L’Hagiotoponymie comme science auxiliaire de l’histoire**, ps. 245 — 246; ano de 1108 “uacir”; ano de 1127 “ualeiri”; anos de 1112 e 1114 “ualer”: formas encontradas no **Livro Preto da Sé de Coimbra**, ap. Pe. Miguel de Oliveira, no **Arquivo do Distrito de Aveiro**, vol. II, p. 101; também, no rol das freguesias, no **Corpus Codicum...** (vêde nota 56): **Sanhoane de Vahe**”. Vêde, também, João Pedro Ribeiro, **Dissertações Chronológicas e Criticas**, vol. V, p. 48, documento de 1182. Há muitos outros documentos, a respeito de São João de Ver, freguesia do concelho da Feira.
- (145) Ano de 978, Dipl., 125 “...sancto uincenti de peraria...”; ano de 1002, Dipl., 189: “sancti uincenti de peraria” e “uilla peraria”; também, no rol das freguesias, no **Corpus Codicum...**
- (146) Ano de 1284, **Carta de El Rei D. Denis**, no **Corpus Codicum**, I, p. 393 “silvaldi”; cf. Pe. Manuel Francisco de Sá, **Monografia de Paramos**, p. 173; também, no rol das freguesias, no **Corpus Codicum...** (vêde nota 56): “S. Tiago de Silude”. Vêde, ainda, João Pedro Ribeiro, **op. cit.** I, p. 326.
- (147) Ano de 1050, Dipl., 378: “trabanca”.

(148) Ano de 1088, **Dipl.**, 703: “uilla plana”; também, no rol das freguesias, no **Corpus Codicum...**: “S. Pedro de Villa Chaa”.

(149) Pelo menos, no rol das freguesias, no **Corpus Codicum...**: “S. Mamede de Villa Maior”.

(150) Ano de 1251, **Inquirições de D. Afonso III.** Cf. Pe. Manuel Fernandes dos Santos, *op. cit.*, ps. 46 — 47, e ano de 1284, **Inquirições de D. Denis**, no **Corpus Codicum**, vol. I, p. 528; cf. Pe. Manuel Fernandes dos Santos, *op. cit.*, p. 48.

(151) Ano de 1009, **Livro Baio Ferrado**, ap. Pe. Manuel Francisco de Sá, **Santa Maria de Fiães**, p. 30.

(152) Vêde, v. g., a minha **Vila da Feira Lusitano-Romana**, em **Las Ciencias** [de Madrid], Ano X, n. 2, de que saiu separata; **Vila da Feira Lusitano-Romana**, na revista **Douro-Litoral** (págs. 15 — 27); **Estudos de Arqueologia e Etnologia Clássicas — Subsídios para o Estudo das Villas Medievais Portugêsas de Entre Douro e Vouga**, no “**Jornal do Commercio**” [do Rio de Janeiro], de 17 de fevereiro de 1952 e 21 de setembro de 1952; **Estudos de Arqueologia, Etnologia e História, Antiguidades do Município de Gaia...**, Rio de Janeiro, 1957, págs. 20 — 29; etc..